

O empoderamento dos marginalizados

Por Jota Mombaça, trecho da revista Transnational dialogues, 2016

A artista seguinte, Tertuliana Lustosa, é uma escritora anticolonial e ativista dos direitos transgênero. A foto que escolhi para apresentar aqui foi tirada durante a Marcha das Vadias de 2015. Entre outros ativistas trans, a artista vestiu-se de biquíni e caminhou pela orla de Copacabana com a bandeira “não se nasce mulher, mas se transforma em traveca”. Mais do que a presença corpórea da artista e a roupa de carne em que ela estava vestida, eu gostaria de pontuar a paródia feita à famosa frase de Beauvoir: “não se é besta, mas se torna uma mulher”

Como uma teórica/artista trans, a sentença de Lustosa problematiza tanto as definições normativas de gênero como as perspectivas da construção canônica de gênero. Consequentemente, perturba o apagamento histórico de vozes e perspectivas transgênero nos campos intelectual, artístico e político, bem como na sociedade ocidentalista em geral. Lustosa escreve: “este manifesto surge como uma arma para a clandestinidade intelectual”, continua ela, “mesmo que não traga soluções eficazes para o problema da transfobia no Brasil, quebra meu silêncio como uma travesti baiana, que eu considero como um passo em direção à transrevoluções neste país. ”

https://issuu.com/euroalter/docs/td_issue3_for_issue_single_11mb